



## RESISTÊNCIA E FORMAS DE (RE)CRIAÇÃO CAMPONESA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO<sup>1</sup>

---

Silvana Cristina Costa Correia  
*Universidade Federal da Paraíba*

### Resumo

O presente trabalho estuda as formas de resistência e (re)criação camponesa em dois municípios do semiárido paraibano, Nova Floresta e Teixeira, sem perder de vista que estes processos acham-se intrinsecamente relacionados à forma como se organiza e se estrutura o espaço agrário nas sociedades dominadas pelo modo de produção capitalista. Para tanto buscou-se: a) analisar o papel do campesinato no desenvolvimento do capitalismo no campo no pensamento de Marx e na teoria marxista; b) analisar o campesinato dentro do desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro sob a ótica de alguns estudiosos da Geografia e áreas afins, que em alguns momentos buscaram explicações nas teorias clássicas para compreender a realidade brasileira; c) resgatar o processo histórico de produção e a organização atual do espaço agrário dos municípios estudados buscando entender nestes, como surgiu e como se apresenta atualmente a agricultura camponesa; d) identificar e caracterizar as formas de resistência e de recriação camponesa pelo viés da organização da produção e do trabalho, da ação de agentes externos e dos costumes e valores dos camponeses.

Do ponto de vista teórico-conceitual, optei por trabalhar com os conceitos de campesinato, espaço, território, resistência, conformismo e recriação camponesa. Sobre a concepção de resistência camponesa me apoiei na abordagem realizada por Fabrini (2008) que a compreende como um processo que se expande para além dos movimentos sociais e que também é influenciado por forças locais materializadas no território camponês. Sobre a recriação camponesa me pautei nos autores como: Oliveira (1996, 2002); Paulino (2006), Almeida (2003), Fabrini (2008), além de outros que pressupõem que este processo é fruto do próprio desenvolvimento desigual e contraditório do capitalismo no campo brasileiro. Sobre o conceito de conformismo utilizei semelhante à abordagem de Chauí (1986) em sua ambigüidade com o conceito de resistência. Afirmo tal premissa uma vez que são dimensões simultâneas entendidas como práticas locais historicamente determinadas num mesmo processo no território camponês. Sobre o território, apresento este conceito para além do espaço de governança com base nos trabalhos de Fernandes (2008). Neste sentido, o ponto de partida para tal compreensão foi o conceito de espaço geográfico na interpretação de Santos (1996). O estudo pauta-se em análises bibliográficas e documentais, em informações fornecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

através do Censo Agropecuário de 2006, e da Produção Agrícola Municipal (PAM) referente ao período compreendido entre 1994 e 2006. Os dados levantados permitiram a análise da evolução da estrutura fundiária, das relações de trabalho, da produção agropecuária e do padrão tecnológico adotado nos municípios estudados.

A pesquisa de campo compreendeu a realização de entrevistas semi-estruturadas com representantes de órgãos governamentais e não governamentais, de entidades de classe bem como com camponeses dos dois municípios estudados. Os questionários foram aplicados junto a 76 camponeses responsáveis pelos estabelecimentos agropecuários visitados. Estes estabelecimentos estão distribuídos em diferentes comunidades rurais que compõem os territórios camponeses tanto do espaço agrário do município de Teixeira como de Nova Floresta. Os questionários continham questões abertas e fechadas que permitiram o levantamento de informações sobre as formas de organização da produção e do trabalho no seio da unidade produtiva e fora dela, bem como a obtenção de dados relativos à composição da família dos camponeses, por idade e sexo, escolaridade, renda, padrão de moradia e migração.

Conforme os dados e informações obtidos bem como com base nas leituras realizadas, estruturei o trabalho em cinco capítulos além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo apresento a discussão sobre campesinato buscando entender o seu lugar no processo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura. Para tanto, de início trabalho com esse tema no pensamento de Marx e em seguida, busco sua apreensão em diferentes autores que se expressam em diferentes correntes do pensamento marxista, como: Kautsky, Lênin, Rosa Luxemburgo e Chayanov. No segundo capítulo abordo o debate que contrapõe duas correntes teóricas distintas: a que defende o desaparecimento do campesinato como condição para o Brasil alcançar o desenvolvimento capitalista e a que defende a permanência do campesinato através da sua resistência e recriação ancorada na idéia de que o desenvolvimento do modo de produção capitalista no Brasil é desigual e contraditório. Essa abordagem foi feita com base nas diversas abordagens e posições assumidas pelos autores agraristas e pelos geógrafos brasileiros. No âmbito deste capítulo trabalho com a noção de espaço, território, resistência e recriação camponesa. No terceiro capítulo, a partir da apresentação dos municípios estudados com base nos aspectos locais e ambientais, recupero o processo histórico de produção e a organização atual do espaço agrário de Nova Floresta e Teixeira. No quarto capítulo, traço um panorama das formas de resistência e de recriação camponesa pelo viés da organização da produção agropecuária nos municípios de Teixeira e Nova Floresta a partir da pesquisa empírica. No quinto e último capítulo, trato das formas de resistência e de recriação camponesa através da organização do trabalho, da ação de agentes externos e dos costumes e valores dos camponeses dos municípios estudados.

As formas de resistência e de recriação camponesa que identificamos no campesinato de Nova Floresta e Teixeira são materializadas em escala local do território camponês, através: a) da autonomia no processo produtivo dada pelo controle do próprio tempo e do próprio espaço; b) da organização da produção de forma diversificada de acordo com a realidade climática e edáfica existente nos dois municípios e da preferência em cultivar produtos conforme a aptidão dos solos existentes; c) da criação de animais de grandes e pequenos portes como garantia de recursos financeiros; d) da criação de animais como complemento da renda familiar e articulada a alguma cultura como forma de evitar maiores gastos; e) da estocagem de sementes pela própria família; f) do aproveitamento das vagens quebradas do feijão macaçar na alimentação dos animais e na adubação do solo; g) da produção agrícola voltada para o autoconsumo da família e para a comercialização; h) do pagamento pelo uso da debulhadeira mecânica através do sistema de conga que possibilita aos camponeses beneficiarem o feijão e pagar o beneficiamento com o próprio produto.

Outros fatores correlacionados à organização do trabalho, à ação dos agentes externos, e aos aspectos culturais, também são determinantes no processo de resistência e recriação camponesa dos municípios estudados, quais sejam: a) o trabalho familiar como o elemento fundante da recriação da família camponesa; b) a combinação de várias formas de trabalho que vão desde o trabalho familiar, ao sistema de parceria, ao trabalho assalariado temporário, ao trabalho “acessório”, e ainda à combinação do trabalho na terra com outras atividades não agrícolas como o pequeno comércio, o serviço público e a docência em escola pública. Essas diversas formas de relações de trabalho surgem como resistência à forma de trabalho assalariada tipicamente capitalista; c) a migração temporária como forma de manter-se enquanto camponês; d) o programa Bolsa Família, a aposentadoria, o Programa Garantia Safra, são elementos que complementam a renda familiar camponesa permitindo a sua recriação; e) a atuação de ONGs como o CEPFS em Teixeira e a Agência Mandalla em Nova Floresta vêm contribuindo para o processo de resistência e de recriação camponesa; f) os costumes e valores dos camponeses de ambos os municípios que se expressam como formas de resistência através das relações de vizinhança, das ações comunitárias, da religiosidade e das festas populares.

Em suma, todos esses elementos que dão sustentação à tese da resistência e da recriação camponesa nos municípios estudados foram encontrados no âmbito da organização da produção e do trabalho, da atuação dos agentes externos e dos costumes e valores dos camponeses. São por meio deles que as famílias camponesas resistem e se recriam no modo de produção capitalista.

**REFERÊNCIAS**

FABRINI, João Edmilson. Movimentos sociais no campo e outras resistências camponesas. In: PAULINO, Eliane Tomiasi. FABRINI, João Edmilson (Org.). *Campepinato e territórios em disputa*. São Paulo, Ed. Expressão Popular, 2008.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Agricultura camponesa no Brasil*. São Paulo, Ed. Contexto, 1996.

\_\_\_\_\_. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo. Ed. Contexto. 2002.

PAULINO, Eliane Tomiasi. *Por uma Geografia dos camponeses*. São Paulo, Ed. Unesp, 2006.

ALMEIDA, Rosemeire A. Identidade, distinção e territorialização: o processo de (re)criação camponesa no Mato Grosso do Sul. 2003. Tese de Doutorado em Geografia – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1986.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Entrando nos territórios do território. In: PAULINO, Eliane Tomiasi. FABRINI, João Edmilson (Org.). *Campepinato e territórios em disputa*. São Paulo, Ed. Expressão Popular, 2008.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo. Ed. Universitária de São Paulo, 1996.

IBGE. Censo agropecuário 2006. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/agropecuario.pdf>>. Acesso em: 25 de maio. 2011.

IBGE. Produção Agrícola Municipal, 1990 a 2009. Sistema IBGE de Recuperação Automática. Disponível: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?ti=1&tf=99999&e=v&p=PA&z=t&o=11>>. Acesso em: 02 de junho de 2011.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.

KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

CORREIA, S. C. C.

LENIN, Vladimir Ilich. Desenvolvimento do capitalismo na Rússia. São Paulo: Nova Cultura, 1980.

LUXEMBURGO, Rosa. A acumulação do capital. Vol. II. Ed. Abril Cultural. São Paulo, 1985.

CHAYANOV, Alexander V. *La organizacion de la unidad economica campesina*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1974.

---

<sup>1</sup> Dissertação de mestrado defendida em 26 de Agosto de 2011 no programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da UFPB, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Emília Moreira.